

Helmut Paul Erich Galle

1. Além dos “ismos”

Na segunda metade do século XX, o estudo da literatura vivenciou alterações (causadas em grande parte pelo *linguistic turn* e por suas consequências) que abalaram seus fundamentos, remontando à institucionalização da disciplina ou, até mesmo, às raízes das artes poéticas e hermenêuticas na antiguidade. Na Alemanha, essa disciplina se organizara, de acordo com a língua dos objetos de estudo, em filologias nacionais como germanística, anglística, romanística etc. Só mais tarde viria a se constituir uma disciplina integrativa na literatura comparada e na *Literaturwissenschaft*, ou seja, a ciência da literatura. Ainda que a germanística continue exercendo um papel importante nas universidades alemãs, ela não é dominante no desenvolvimento das teorias e metodologias concernentes à literatura em geral. Observa-se, por exemplo, que as contribuições para uma das vertentes mais influentes nascidas na Alemanha do pós-guerra, a estética da recepção, já se desviam a romanistas (Jauss, Stierle, Warning) e anglicistas (Iser). Os encontros do grupo *Poetik und Hermeneutik* entre 1963 e 1994, assim como suas respectivas atas, testemunham de forma impressionante até hoje a cooperação entre representantes das filologias nacionais e as outras ciências humanas, sempre com foco em algum dos temas centrais das Letras.

Não obstante o grupo tenha exercido um efeito consideravelmente integrador nas disciplinas estilhaçadas já a partir dos anos 1970, notou-se uma inflação de teorias e métodos que causaram primeiro o debate árduo sobre a abordagem correta (*Methodenstreit*) e, logo depois, a convivência de todos os métodos (*Methodenpluralismus*). As correntes mais fortes nas Letras da Alemanha ainda eram a tradicional Hermenêutica, em seu desdobramento filosófico conduzido por Gadamer, a Teoria crítica da Escola de Frankfurt aliada a outras vertentes sócio-históricas, e a mencionada Estética da recepção. Ao lado delas se estabeleceram, com um certo atraso, as teorias pós-estruturalistas francesas, o desconstrutivismo de Derrida e a Análise do discurso de Foucault. Paralelamente, a Teoria dos sistemas de Luhmann e o Construtivismo radical de Glasersfeld e Foerster ofereceram modelos da sociedade e da mente que podiam ser estendidos ao âmbito das artes e da literatura.

Além dessa legião de teorias concorrentes, exigia-se que os estudos literários considerassem aspectos de ordem superior. A questão da medialidade de todos os textos e sua dependência da evolução técnica da comunicação levaram à implementação de uma nova disciplina, os Estudos da mídia (*Medienwissenschaft*), que englobam tanto a literatura como a comunicação em geral. A reflexão sobre a rápida evolução de novos meios audiovisuais, a cultura de massa e a cultura popular, bem como o fato de que os gêneros clássicos (romance, drama, poesia) vinham perdendo, progressivamente, recepção, prestígio social e relevância nos processos comunicativos, favoreceram a integração do estudo da literatura na análise contextualizada de todos os fenômenos culturais. Isso também resultou, em parte, em novos cursos universitários, os Estudos culturais (*Cultural studies, German studies*)

que, particularmente no exterior, podiam até mesmo substituir a germanística tradicional.

Um denominador comum dessas novas tendências foi, talvez, o fato de se ter enfatizado quase exclusivamente a construtividade tanto dos textos literários como das manifestações verbais em si, mas isso com graves consequências. Muitos conceitos e categorias tradicionais da literatura foram questionados e quase banidos: o autor, a realidade, a distinção entre o ficcional e o factual, a unidade do texto, seu significado, o sistema genérico e diversos outros. Apesar de essas tendências reunirem ainda muitos sequazes na prática cotidiana da interpretação literária, suas bases teóricas já começam a cristalizar-se em fórmulas doutrinárias e seu valor explicativo vem se esgotando. A insistência na construtividade de todas as representações e a concentração no significante provocam reações adversas. Um atual projeto de pesquisa¹ da Universidade Konstanz constata que

Essa ênfase unilateral na *atividade* de designar encontra cada vez mais resistência dentro e fora do debate dos estudos culturais. As respectivas manifestações de descontentamento muitas vezes resultam em um ajuste de contas com a pós-modernidade e na sua perda dos pés na terra.²

O projeto interdisciplinar propõe uma redefinição do lugar do “real nos estudos culturais”, para que não seja completamente perdido o contato com as demais ciências que, cada vez mais, por não encontrarem um chão comum que permita intercambiar resultados, desistem do diálogo com as disciplinas que se ocupam com a cultura. Evidentemente, o projeto não pretende voltar a um modelo de representação mimético, mas considerará posições de um relativismo moderado que considera que

fatos são feitos (*factum*), mas não fingidos (*fictum*). Tanto na filosofia [cognitiva] (Putnam, McDowell, Abel) como na filosofia da ciência (Hacking, Latour, Rheinberger), existe um amplo leque de abordagens conciliadoras. De modo correspondente, no debate dos estudos culturais, manifesta-se cada vez mais a demanda por uma atenção renovada para materialidades, coisas, práticas e evidências do mundo da vida, em breve: de um senso de realidade.³

Seria exagerado esperar que esse projeto encontrasse a solução para o dilema epistemológico da modernidade. Provavelmente se delimitará a descrever e analisar as diversas estratégias históricas (da arte, das ciências e da filosofia) de aproximação ao “real”, apesar do seu estatuto precário. Mesmo assim, a temática é um dos sintomas de uma reorientação nesse campo.

Outro indício é a crescente atenção às categorias básicas que organizam a realidade: espaço e tempo.⁴ A Jornada de Germanistas de 2010⁵ inclui uma seção ao tema do espaço para investigar a territorialidade da linguagem e das práticas socioculturais, assim como a sociologia do espaço, a espacialidade de textos e as topografias da memória. O programa reage ao novo interesse – já se tem falado em um *spacial turn* – que o conceito desperta na sociologia (LÖW, 2007; SCHROER, 2009), nos estudos culturais e literários (DÜNNE, 2008)⁶. Sigrid Weigel, a diretora do Zentrum für Literaturforschung em Berlin, ofereceu uma primeira introdução às formas de abordagem da categoria do espaço na teoria cultural (2002), e as coletâneas de Borsó e Görling (2004) e Döring e Thielmann (2008) apresentam um panorama mais amplo de possíveis aplicações.

De forma semelhante, a categoria do tempo foi tratada em uma perspectiva interdisciplinar por várias publicações, como no volume *Zeit und Text* de 2003

(KABLITZ, ÖSTERREICHER e WARNING). As contribuições analisam os diversos aspectos da fenomenologia da percepção temporal e sua articulação em estruturas gramaticais e textuais como o diferencial da concepção do tempo em distintas culturas, épocas históricas e âmbitos simbólicos. Ainda que as pesquisas se utilizem de conceitos teóricos já estabelecidos, como o *cronótopo* de Bakhtin, observa-se um impulso de reorganizar a relação mundo-literatura, com vistas a uma nova compreensão do funcionamento da própria literatura.

É essa curiosidade de olhar além das verdades compartilhadas pelos “ismos” das últimas décadas do século XX que motiva, aparentemente, os recentes projetos ambiciosos no estudo de letras nos países de língua alemã. Sua orientação seria a de criar esquemas teóricos coerentes e pragmáticos que respeitassem tanto as experiências do mundo da vida como os resultados das ciências exatas e as compreensões do pós-estruturalismo, evitando os exageros contraintuitivos deste último. Uma característica geral é que se busca o contato e o intercâmbio com outras disciplinas, preferencialmente por meio de projetos que integrem pesquisadores de todas as áreas envolvidas no problema em questão. Com isso, o estudo da literatura se adequa a uma característica que foi denominada de “*Anschlussfähigkeit*”, um termo da teoria dos sistemas que indica a capacidade de responder a uma comunicação dentro do próprio sistema e às comunicações dos demais sistemas. Significa, portanto, a compatibilidade da formulação segundo um determinado código com as formulações de outros modelos de pensar o mundo – sejam eles pertencentes a pessoas ou a discursos científicos. Trata-se de um conceito menos absolutista e rigoroso que “*widerspruchsfrei*”, ou seja: logicamente consistente e sem contradições. Ser “*anschlussfähig*” é, atualmente, a virtude que se exige de tudo: de interpretações, de programas políticos e de uma teoria científica. Isso implica que essa teoria seja compatível com os resultados das demais ciências, mas também com as intuições do mundo da vida.

A seguir, apresentamos algumas dessas tendências, sem a pretensão de compor um panorama exaustivo e completo dessa paisagem intrincada. A seleção se orienta, evidentemente, nas linhas de pesquisa do autor.

2. A interface com a história e com a sociologia: memória cultural

Começamos com uma vertente que, de certa maneira, nasceu já nos encontros do grupo *Poetik und Hermeneutik*, que dedicou um encontro temático à memória (HAVERKAMP e LACHMANN, 1993). Desde os anos 1990 e paralelamente ao *boom* da memória na Alemanha, o conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs foi desenvolvido a partir das pesquisas empíricas do egiptólogo Jan Assmann (1997) e do estudo de sua esposa, a anglicista Aleida Assmann, sobre os conceitos da memória na história intelectual europeia (1999). Com base em observações referentes às culturas antigas do Oriente Médio e à transição da oralidade para a escrita, Jan Assmann constata um desenvolvimento cada vez mais complexo da memória coletiva na chegada de um novo meio de armazenamento de informações. A literatura representa, ainda nas condições da oralidade, um meio central para a codificação das narrativas que constituem a identidade coletiva de um determinado grupo étnico ou social mediante mitos, lendas fundadoras, epopeias “nacionais” etc. Por um lado, a passagem da oralidade para a literalidade permite que os textos possam ser mantidos de forma “fixa”, sem as usuais alterações impercebidas da transmissão oral (*mouvance*); diferentemente da sociedade que os guarda, os textos escritos não

mudam e tornam-se anacrônicos com o passar do tempo. Isso exige novas técnicas culturais e instituições para adequar seu conteúdo manifesto à realidade atual; a hermenêutica grega e o comentário bíblico são duas das instituições históricas das quais nascem sistemas inteiros de práticas discursivas intertextuais e gêneros literários. Por outro lado, a escrita permite uma imensa expansão da memória coletiva: enquanto na oralidade a mente individual, como portador biológico, tinha uma capacidade bastante limitada, a tábua de barro, o papiro e o pergaminho podem guardar virtualmente tudo o que se considera relevante, não somente os textos de intenso uso coletivo (para Assmann, “textos culturais”), mas também produtos de autoria individual que representam perspectivas subjetivas e, por vezes, polêmicas. O crescimento descontrolado do número de textos exige, conseqüentemente, a introdução de novas instituições que conservem, mantenham e reproduzam os códigos (bibliotecas) e que selecionem aqueles que sejam dignos de circular na sociedade continuamente (escolas, universidades, academias), o cânone ou, segundo a terminologia do casal Assmann, os textos culturais. Essa é uma das distinções centrais da sua teoria: enquanto na “memória funcional” (“Funktionsgedächtnis”) os textos culturais que servem ao autoentendimento e à identidade da sociedade são constantemente cuidados e repetidos, a “memória armazém” (“Speichergedächtnis”) contém tudo o que não participa da comunicação viva, mas que pode ser acessado e, eventualmente, reativado para introduzir versões divergentes, antagônicas ao regime vigente; essas modalidades operacionais podem, de acordo com Assmann, ser denominadas de “legitimadoras” (afirmativas) e “deslegitimadoras” (antagônicas).

Embora essa teoria tenha evoluído a partir do exemplo das sociedades antigas, ela se mostrou extremamente válida para a explicação da relação entre literatura e historiografia, as grandes mudanças técnicas da comunicação (o livro impresso, a fotografia, os meios eletrônicos e digitais) e suas conseqüências sociais e comunicativas. Trata-se de um modelo que integra a literatura nos fluxos comunicativos da sociedade, respeitando ao mesmo tempo sua especificidade, que contempla a base física e midiática do texto e que não ignora nem o processo histórico nem os procedimentos do poder que regem entre os grupos sociais e seus interesses. Neste modelo da memória, se unem e se inter-relacionam o estudo da dimensão biológica (a base neuronal da memória individual), a dimensão social (a base comunicativa e social da memória coletiva) e a dimensão cultural (a base material dos artefatos simbólicos que codificam a memória cultural) (ASSMANN, 2007, p. 31 ss.).

Ademais, o modelo se mostrou compatível com a teoria dos sistemas, na medida em que a “memória social” pode ser relacionada com a “semântica” de Luhmann (cf. Holl 2003). Enquanto a “*gepflegte Semantik*” de Luhmann regula e funcionaliza os conhecimentos de um sistema – que corresponde, no modelo do casal Assmann, à “memória social” –, as modalidades da “legitimação” e “deslegitimação” podem contribuir para a teoria dos sistemas e para a sua visão limitada à especialização funcional dos subsistemas sociais introduzindo fenômenos como movimentos sociais e mudanças midiáticas. Essa possibilidade de convergência entre a teoria da memória e a teoria dos sistemas é particularmente interessante porque a última se mostrou, junto à ciência empírica da literatura (“*Empirische Literaturwissenschaft*”), como uma vertente teórica forte e produtiva no âmbito das letras (BAECKER, 2007; BARSCH, 1992; ESPOSITO, 2002; PLUMPE, 1995; REINFANDT, 1997; SCHMIDT, 1993; SILL, 2001).

Além da história antiga, o estudo da formação das nações e, ultimamente, a análise das maneiras como os alemães trataram o horrível passado do século XX, têm

sido campos muito produtivos para a aplicação da teoria da memória (ASSMANN, 2006). As décadas que se seguiram ao fim da Segunda Guerra se assemelham a um laboratório que permite observar a transmissão de experiências e as mudanças na representação coletiva do passado. Além dos procedimentos comunicativos e sociais, o processo da transmissão depende de uma outra categoria que se situa na interface entre biologia e sociedade: a geração. Introduzido na sociologia moderna por Karl Mannheim ([1928] 1970), o conceito de geração experimentou na última década um renascimento no âmbito das pesquisas sobre a memória coletiva, tanto na sociologia (LETTKE e LANGE, 2007) como nos estudos culturais (PARNES et al., 2008). A crítica Sigrid Weigel apresentou em 2006 uma grande monografia em que analisa várias categorias vinculadas à “lógica genética” (“*Genea-Logik*”) – genealogia, tradição, herança, família, geração, gênero, genética e evolução –, tentando descrever o modo como as diferentes maneiras de transmissão são articuladas. Sua reconstrução mostra a interdependência e o constante diálogo entre as ciências naturais, as ciências humanas e as manifestações literárias.

Com respeito à memória da Segunda Guerra, destaca-se como as atitudes mudam de geração para geração (RÜSEN, 2001; ASSMANN, 2005). São três gerações que mantêm os acontecimentos traumáticos na memória social (ou comunicativa), ou seja, que transmitem oralmente as lembranças, baseadas na sua memória individual. A primeira geração (os participantes da Segunda Guerra) enfatiza seu sofrimento e suprime a memória de atos perpetradores pelos quais seria responsável. A segunda geração (“os filhos”) enfatiza a culpa dos pais, distanciando-se moralmente da sua genealogia numa identificação intencional com as vítimas. A terceira geração (“os netos”) pode tanto assumir a herança da responsabilidade como admitir o sofrimento da geração dos avôs. Nota-se como a memória coletiva – mais concretamente, a memória social – não apresenta o passado de forma completamente objetiva, mas sempre de acordo com os interesses identitários do grupo portador, evoluindo, porém, em direção a um equilíbrio entre os interesses das gerações e dos grupos envolvidos. E esse processo se realiza não apenas mediante a interação interpessoal, mas também pelos meios de comunicação, por veículos de massa como os jornais, a televisão, a internet etc. Ao longo da vida dos sobreviventes, suas lembranças podem permanecer ativas dessa maneira. Após um prazo de 80 a 100 anos, no entanto, morrem essas lembranças junto com seus portadores biológicos. Nessa fase se decide se a sociedade atribui uma relevância maior a essas recordações, o que exige que sejam guardadas em portadores físicos. Essa transferência requer, geralmente, a transformação em meios e gêneros aptos para a memória cultural: romances, autobiografias, filmes etc. Essas obras competem, então, para se tornarem representativas, para circular na memória funcional, e não “desaparecer” no grande armazém que guarda todas as produções simbólicas do homem.

Durante os últimos anos, a relação específica da literatura com a memória coletiva foi debatida exaustivamente em congressos e simpósios. Neste contexto destaca-se um grande Projeto temático (“*DFG-Sonderforschungsbereich*”) sobre “Culturas da memória” (“*Erinnerungskulturen*”) vinculado à Universidade de Gießen.⁷ Coordenados pelo anglicista Ansgar Nünning, os encontros do projeto se dedicaram a temas como “Literatura – memória – identidade” (ERLL, GYMNICH e NÜNNING, 2003), “Os meios da memória coletiva” (ERLL e NÜNNING 2004) e os “Conceitos de memória nos estudos literários” (ERLL e NÜNNING 2005); o projeto produziu uma série de teses de doutorado, livre-docências e coletâneas, alcançando um total de 40 livros publicados.

3. A interface com as ciências do homem: evolução biológica, antropologia, neurociências

Se a teoria da memória coletiva já exige o diálogo com a sociologia e, até certo ponto, o conhecimento dos resultados de psicologia cognitiva e neurociências, isso indica a frente que atrairá a atenção de muitos críticos alemães num futuro próximo. Atualmente, a genética e as neurociências são as disciplinas mais expansivas que prometem avanços radicais e que absorvem o maior interesse de um público leigo; conseqüentemente, seus resultados instigam de igual modo as demais comunidades científicas. Para os estudos da literatura, essas disciplinas são particularmente relevantes, pois quase todos os processos básicos vinculados à produção e à recepção do texto literário são processos cognitivos. Um dia será possível, com os métodos da neurobiologia, alcançar um conhecimento sobre as bases materiais do processo da leitura, sobre a distinção entre fato e ficção e sobre o funcionamento de metáforas, será possível também situar os debates teóricos desde Aristóteles num fundamento muito mais sólido. Mas isso não quer dizer, de maneira alguma, que a reflexão no campo das humanidades seria dispensada ou substituída pela biologia, mas que ambas as partes poderiam usufruir do intercâmbio crítico. Em vez de uma colaboração produtiva, até o momento atual o que houve foi mais um distanciamento cético e uma arrogância autossuficiente do lado das humanidades e um pragmatismo cego do lado das ciências naturais.

No contexto da “Iniciativa de excelência”, que deve promover a inovação e o aperfeiçoamento da pesquisa universitária, formou-se um “*Cluster* de excelência”, com centro na Universidade Livre de Berlim. O *Cluster*, que se ocupará, segundo seu título, com as “Linguagens da emoção” (“*Languages of Emotion*”),⁸ possui uma estrutura amplamente interdisciplinar e recebe um financiamento generoso da Fundação Alemã de Pesquisa Científica (Deutsche Forschungsgemeinschaft – DFG). Divide-se em quatro áreas gerais: 1) relações entre os sistemas simbólicos (linguagem, imagem, som) e as emoções; 2) poéticas e práticas artísticas da representação dos afetos; 3) a relação entre competência linguística e emocional, bem como seus distúrbios; e 4) articulação de afetos na base de códigos sociais. O trabalho concreto se realiza em 58 projetos que se relacionam a uma ou duas das áreas gerais. Aí encontram-se títulos como “Espaços da angústia”, “Origens dos afetos sociais do homem”, “Violência e memória” e “Processos afetivos e estéticos na leitura”.

O último citado investigará, de forma empírica, os efeitos emocionais de elementos linguísticos e textuais que, tradicionalmente, configuram o inventário das retóricas e das poéticas. Aliados a psicólogos e neurocientistas, bem como às suas respectivas metodologias, os pesquisadores de Letras elaboram os experimentos com voluntários e avaliam os resultados. Durante uma série de experimentos, será analisado o efeito da alteração de características do significante (metro, figuras retóricas etc.) de frases, textos e discursos, sem que seu significado, na medida do possível, seja modificado. Um outro complexo de experimentos avaliará a influência dos sinais paratextuais na mente do leitor e sua condição para a recepção do texto: como é que um pacto de leitura referencial ou ficcional (Lejeune, Genette) orienta o processamento das informações e que efeito exerce sobre os afetos? Embora os resultados do projeto não satisfarão necessariamente todas as expectativas, a concepção do *Cluster* é muito bem estruturada e os institutos de pesquisa de alto nível que participam dos projetos garantem ao menos uma convergência dos discursos

específicos das disciplinas e uma maior atenção aos problemas que o mesmo fenômeno coloca a partir da perspectiva das ciências correlatas.

O porta-voz do *Cluster* é Winfried Menninghaus, autor de notáveis livros sobre Safo, Hölderlin, Benjamin e Celan. Numa publicação recente, ele se debruçou sobre “A promessa da beleza” (2003), traçando o fenômeno estético para as profundidades da história até – e isso é algo inusitado nas humanidades – a história natural. Como já observado no livro de Sigrig Weigel, a evolução das espécies e a genética entram no foco da reflexão sobre a arte. E Menninghaus não se limita a rastrear a genealogia das ideias ou a interpretar o mito. O estudo abarca as hipóteses sobre a função da beleza dos animais, apresentadas pelas teorias da evolução desde Darwin. Seguindo os raciocínios do biólogo inglês e do pai da psicanálise, Menninghaus constata que o surgimento do fenômeno antropológico da beleza está estritamente vinculado ao sucesso na seleção do parceiro sexual (pela fêmea) e que o sensorio para a beleza do ser humano se fundamenta nessa herança, embora seja somente no mito de Adônis e em sua infertilidade e morte precoce que o estudo encontra a interpretação mais profunda da beleza humana.

Karl Eibl, grande especialista da obra de Goethe e professor emérito da Ludwig-Maximilians-Universität Munique, dedicou-se nos últimos anos à formulação mais radical de uma estética literária baseada na biologia evolutiva (EIBL, 1995, 2004, 2009). Seus esforços se dirigem a uma consistente teoria cultural que evita os reducionismos tanto da biologia como das ciências humanas, buscando um caminho intermediário. Para tanto, concebe os programas genéticos como programas abertos que interagem com os programas culturais. Nesse sentido, cultura e natureza não representam um antagonismo; a natureza preconfigura as possibilidades culturais, e a cultura somente desdobra o potencial dos comportamentos adaptados aos mais diversos contextos. A etapa mais importante nesse processo é – segundo Eibl – a linguagem e sua capacidade de referir-se simbolicamente a objetos, objetos ausentes, acontecimentos passados e futuros e, por fim, a objetos abstratos e imaginados. A função da arte seria justamente não ter uma função imediata, mas fazer que as atividades lúdicas e a ocupação com a arte – aparentemente inúteis – cumpram uma função final preparando o sujeito para as contingências da vida. Um papel central nesses “jogos” cabe à narrativa ficcional, que pode ser entendida como treinamento que simula as situações sérias da realidade. Além disso, Eibl propõe a tese de que a arte, como constante antropológica, pode ser explicada por promover a redução do estresse e, assim, apresentar uma vantagem evolutiva em termos de saúde e flexibilidade mental.

A teoria de Eibl é polêmica e, com certeza, permanece bastante hipotética. Por outro lado, é sintomática, junto aos livros de Menninghaus, Weigel e outros, quanto à preocupação com o modelo naturalista do mundo e ao lugar da arte e da literatura neste mundo. Mas as tentativas apresentadas não conformam um novo positivismo, uma vez que esses autores buscam a conciliação com as ciências naturais, não abrindo mão da complexidade e da especificidade do objeto literário.

4. A interface com a técnica: *Computerphilologie*

Focada nas questões apresentadas pelo desenvolvimento técnico, pela digitalização da escritura e pelo papel da internet como meio comunicativo, surge uma vertente, ainda pouco estabelecida, denominada “Filologia computacional” (“*Computerphilologie*”). Desde 1999 existe um anuário e uma página na web que

coordenam as atividades relacionadas ao tema e publicam as contribuições científicas na área.⁹

Os campos de atividades são, sobretudo: as possibilidades da editoração eletrônica de obras literárias, o uso de recursos digitais para a o estudo de letras e a análise de novas formas literárias que vêm surgindo na internet. O laço que une esses campos é unicamente a reflexão necessária sobre o funcionamento técnico do novo meio.

A digitalização de textos literários é uma prática já muito comum, tendo começado com o projeto Gutenberg e antologias de clássicos em CD-ROM. Enquanto essas primeiras iniciativas permaneceram bastante rudimentares, logo se descobriu o potencial da programação e do hipertexto para edições críticas e científicas, uma vez que a nota de rodapé, o comentário crítico e o cotejo de variantes textuais podem ser considerados hipertextos *avant la lettre*. O enorme crescimento da memória disponível nos DVDs e na internet permitiu novas formas de editoração, como a reprodução completa de obras (com ilustrações) e até de bibliotecas inteiras.¹⁰ O rápido desenvolvimento da técnica e do *know-how* demanda especialistas em editoração digital que ao mesmo tempo conheçam o funcionamento dos programas e saibam refletir sobre os princípios da apresentação do texto literário.

O hipertexto, a possibilidade de suspender a sequencialidade do livro, uma reconfiguração da relação autor-texto-leitor, a interatividade, a criação de redes e a extensão de certos aspectos já presentes na literatura moderna (o jogo, o acaso) são elementos que se apresentam na chamada “Netzliteratur” (“Literatura da internet”). De fato, diversos autores alemães experimentaram com as novas possibilidades, como Rainald Goetz, que publicou no ano 1998 o blog “*Abfall für alle*” (“Lixo para todos”), ou o protagonista da *slam-poetry* Baas Böttcher, que apresentou sua plataforma looppool como oficina aberta.

De fato, os experimentos digitais ainda são minoritários diante da produção convencional de livros, e sua crítica permanece uma tarefa de poucos entusiastas (que muitas vezes também participam ativamente do gênero). Mesmo assim, trata-se de uma tendência inovadora que, talvez, adquira muita importância no futuro. A Universidade de Würzburg, atenta a essa possibilidade, inaugurou, em 2009, uma primeira cátedra dedicada à “Filologia computacional”.

5. Revisões: a indagação dos conceitos centrais da teoria literária

O primeiro titular dessa cátedra da Universidade de Würzburg é Fotis Jannidis, coeditor da série “*Revisionen*” (Revisões). Os editores ocupam cargos em várias universidades alemãs e começaram em 1999 com um primeiro volume dedicado à *Volta do autor* (JANNIDIS et al., 1999), seguido por *Regras da significação* (JANNIDIS et al., 2003) e *Limites da literatura* (WINKO et al., 2009). Segundo os editores, a iniciativa responde ao fato de “os estudos de letras, com suas bases teóricas, seus métodos e objetivos, não conformam uma disciplina científica. Seus conceitos teóricos e as hipóteses orientadoras são muito heterogêneos”.¹¹ O objetivo é, portanto, “examinar a validade dos conceitos centrais, em teoria e prática, revisando as rotinas da disciplina” (ibid.). Os volumes, que surgiram de congressos temáticos, têm um caráter interdisciplinar e integram pesquisadores dos demais ramos das ciências humanas que possam contribuir para a consolidação metódica dos estudos de letras.

Acompanhado por um livreto (JANNIDIS et al., 2000) que reúne os textos “clássicos” sobre a precariedade do conceito de autor, de Wimsatt a Foucault, o volume sobre “A volta do autor” se ocupa com quatro dimensões do problema: 1) o papel da intenção do autor; 2) as concepções do autor na história da teoria literária; 3) os contextos sociais e políticos do autor na história literária; e 4) as implicações do conceito em questões midiáticas. O livro constata a situação paradoxal de que, por um lado, a teoria da segunda metade do século XX declarou como obsoleta a convencional ideia de que o autor pudesse ser considerado um fator da análise do texto, e, por outro lado, a prática da crítica se serve dessa instância em quase todas as suas vertentes. Os editores, na sua introdução à temática, não colocam em questão o fato de que o autor pode, principalmente, ser concebido como ponto de cruzamento de discursos ou função discursiva; no entanto, exigem que essas compreensões sejam conciliadas com a necessidade da categoria do autor em quase todas as perspectivas críticas sobre o texto. Sugerem a hipótese de que a hegemonia desses construtos teóricos se deve a uma estratégia de manter a reputação da literatura quando seu valor simbólico na sociedade está em constante declínio; o conhecimento exclusivo de uma teoria literária defende, de certa maneira, sua legitimação contra o entendimento ingênuo dos leigos. As pretensões dos editores e dos autores reunidos no referido volume dirigem-se sobretudo a um levantamento crítico das condições específicas de uma pesquisa literária, nas quais a categoria do autor pode – legitimamente – contribuir para o conhecimento sobre o texto e para o discernimento de qual conceito de autor seria demandado em cada caso: uma pessoa empírica, uma instância intencional ou uma voz implícita ao texto. Entre as pesquisas que de uma forma ou outra recorrem a um conceito de autor, encontram-se abordagens hermenêuticas que sempre apontam para uma fonte de enunciação, interpretações psicológicas que envolvem manifestações do autor na sua argumentação, mas também estudos estilísticos que comparam os elementos textuais de uma determinada obra a outros textos da mesma época (o autor seria, pelo menos, o ponto fixo para a determinação do segmento histórico relevante) ou a outros textos do autor, implicando um conjunto de competências, desenvolvimento pessoal, decisões individuais sobre a escolha de certos elementos etc. Estudos que reconstróem as normas sociais inscritas num texto aplicam, geralmente, ao menos o conceito de um autor implícito que organiza os elementos segundo uma certa racionalidade. Muitas vezes, recorrer ao autor e a suas manifestações escritas ou orais é um recurso secundário que deve legitimizar resultados levantados em primeira instância no próprio texto.

Não cabe, no presente texto, detalhar o teor de todas as contribuições do volume. É cabível, no entanto, destacar que o livro não pode ser considerado o fim do debate, mas sim um começo que abre o caminho para uma verdadeira revisão do conceito de autor nos estudos literários.

Contudo, já se registram trabalhos que desenvolvem sistematicamente os ensaios dessa publicação, como, por exemplo, a monografia de Spoerhase (2007), que reconstrói minuciosamente as concepções de Roland Barthes e da crítica anglófona para evidenciar um divisor de águas entre uma análise *presentista* – que entende o texto exclusivamente como sistema de signos – e uma análise *historicista* – que entende o texto como enunciação que implica um emissor, situado em contextos históricos e dotado de intenções. O livro sugere que não é tanto o autor real (presente ou não), mas sim a hipótese de um autor aquilo que guia e corrige as interpretações de um texto. Ainda que Spoerhase enfatize demais a imprescindibilidade do conceito de

autor para qualquer empresa exegética, como sugere Zymner em sua resenha (2009), pode-se constatar que seu livro representa um grande avanço na questão.

A revisão das “*Regras da significação*” dedica-se a um outro campo minado do debate *pós-pós-estruturalista*. Embora o título seja literalmente “*Regras do significado*”, a obra questiona quais significados podem ser legitimamente atribuídos a textos literários. O volume retoma o debate lançado pelo livro *I limiti dell’interpretazione* ([1990] 2007) de Umberto Eco. Como o volume anterior, aborda o problema pelo viés histórico, reconstituindo as formas como a poética e a teoria literária conceberam o significado de textos literários, e pelo viés sistemático, rastreando os fundamentos filosóficos, linguísticos e midiáticos que condicionam o significado dos textos em geral e na comunicação literária em particular. As contribuições não configuram um manifesto contra a ambiguidade ou a polivalência do texto literário – uma das poucas convicções compartilhadas por todas as vertentes teóricas. Antes, o que os autores buscam retrair é como essas convicções se formaram e sobre quais características do texto literário elas se apoiam. Uma tendência que, sim, se pode constatar é a formulação das regras que limitam a adequação de uma interpretação.

O terceiro e, por enquanto, último volume da série foi intitulado “*Limites da literatura*” e se ocupa com o fenômeno literário em si: Como se define literatura? O que distingue uma obra de arte de outras formas discursivas? Novamente, os ensaios abordam o problema a partir da filosofia, da linguística, da história, da sociologia e dos meios comunicativos. Os dois critérios tradicionalmente exigidos para estabelecer a distinção são a ficcionalidade (o fato de ser inventado) e a literariedade (o fato de apresentar uma forma linguística divergente), que se combinam para formar o que caracteriza a literatura *stricto sensu*. Várias concepções modernas, porém, partem de uma definição meramente pragmática: literatura seria aquilo que uma sociedade define assim, ou seja, o texto literário se constitui mediante as práticas que se aplicam a ele. A ênfase da coletânea está, claramente, na discussão da ficcionalidade, na determinação analítica do conceito de ficção, em sua função antropológica, nos efeitos empíricos da recepção de textos ficcionais, na evolução paulatina da forma moderna da ficção no século XVIII e na consistência do gênero híbrido, denominado *autofiction*. Frank Zipfel, o autor deste último artigo, publicou recentemente (em 2001) uma importante tese sobre a ficção na literatura e o conceito teórico correspondente. O ensaio de Zipfel entende textos literários como atos linguísticos que se desenvolvem dentro de um contexto social, conforme um conjunto de regras de produção e recepção, e inseridos num processo histórico. A prática social estabelecida como *ficção*, cuja descrição resumida poderia ser: Um autor produz um texto narrativo que apresenta uma história que não aconteceu na realidade e tem a intenção (Grice) de que o recipiente receba esse texto com a atitude do *make-believe* (Lamarque e Olsen). Receber esse texto na forma de um jogo de *make-believe* significa, para o recipiente, assumir a posição de um destinatário implícito ao texto e estar, ao mesmo tempo, consciente de participar do jogo do *make-believe* (ZIPFEL, 2001, p. 297).

O pacto ficcional que rege essa prática não se decide sobre uma função determinada: a ficção pode ser escrita e lida com fins de divertimento, instrução, doutrinação etc. Sem dúvida, o livro de Zipfel não é o único que analisa a ficcionalidade. Outras obras se focam no polo da fatualidade e na sua presença em narrativas ficcionais (BLUME, 2004) ou reconstroem a gênese do romance nos moldes da teoria dos sistemas (REINFANDT, 1997). Junto à coletânea do grupo

Revisionen, indicam o impulso de uma nova geração para encontrar soluções pragmáticas e coerentes para problemas teóricos instigantes.

Observações conclusivas

Nessas páginas só foi possível dar um quadro muito seletivo das várias tendências atuais nas letras alemãs e essa seleção esteve orientada pelos interesses e campos de pesquisa do próprio autor. Os cinco eixos temáticos apresentados possibilitaram agrupar alguns dos fenômenos dispersos de forma mais plástica, porém, outros conhecedores da paisagem alemã não compartilharão necessariamente essa visão. A pluralidade metodológica pode dar a impressão de uma “nova opacidade” (*Neue Unübersichtlichkeit*), como Jürgen Habermas intitulou seu diagnóstico da situação política após a virada de 1989. No entanto, nossa REFLEXÃO SOBRE a última década parece-nos indicar, de fato, que os pesquisadores alemães estabeleceram uma relação mais relaxada com as “grandes teorias” e os “mestre pensadores” dominantes na cena a partir dos anos cinquenta, mas sem ambição de substituí-los por um novo paradigma que pretendesse fornecer explicações “absolutas”. Isso não significa que se abriu mão do conhecimento e da compreensão aprofundada dos fenômenos, mas as abordagens se articulam de maneira mais aberta e flexível, com maior consideração da empiria e do bom senso. Essa evolução promete uma consolidação dos fundamentos científicas das disciplinas de letras e uma melhor articulação com as humanidades. Um efeito secundário muito desejável poderia ser que a valorização da literatura e das letras pela sociedade em geral se recupere do declínio sofrido na Europa durante a segunda metade do século XX.

Helmut Paul Erich Galle
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Notas

¹ Trata-se de um prestigioso “Graduiertenkolleg” (que corresponde, em português, a um “Projeto temático”), financiado pela Fundação Alemã de Pesquisa Científica (Deutsche Forschungsgemeinschaft – DFG) e intitulado “Das Reale in den Kulturwissenschaften” (O real nos estudos culturais). <http://www.uni-konstanz.de/reales/> O coordenador, Albrecht Koschorke, cuja tese de livre-docência *Körperströme und Schriftverkehr* se apoia em Friedrich Kittler e Jacques Derrida, não é suspeito de defender ideias retrógradadas.

² Diese einseitige Akzentuierung der *Aktivität* des Bezeichnens stößt außerhalb und innerhalb der kulturwissenschaftlichen Debatte auf zunehmenden Widerstand. Entsprechende Unmutsäußerungen laufen häufig auf eine generelle Abrechnung mit der Postmoderne und ihrer verlorenen Bodenhaftung hinaus.

³ Diese Position eines gemäßigten Relativismus führt zu Kompromissvorschlägen derart, dass Tatsachen (*facts*) zwar ‚gemacht‘ (*factum*) seien, nicht aber ‚erfunden‘ (*factum*). Sowohl in der Philosophie (Putnam, McDowell, Abel) als auch in der Wissenschaftstheorie (Hacking, Latour, Rheinberger) gibt es ein breites Spektrum von vermittelnden Ansätzen. Entsprechend häufen sich in der kulturwissenschaftlichen Debatte die Forderungen nach einer erneuerten Aufmerksamkeit auf Materialitäten, Dinge, Praktiken und lebensweltliche Evidenzen, kurz: nach einem Sinn für Realität.

⁴ Na teoria anglófona, a categoria do espaço vem sendo focalizada desde os trabalhos influentes de Edward Said, James T. Clifford, Mary Louise Pratt, Frederic Jameson and Homi K. Bhaba.

⁵ O *Germanistentag* costuma reunir as contribuições mais promissoras acerca de questões que parecem estar na ordem do dia. Cf. <http://www.germanistenverband.de/hochschule/tagungen/deutscher-germanistentag.php>

⁶ Ver também o Projeto “Topographien der Autobiographie” de Martina Wagner-Egelhaaf que está dedicado à dimensão espacial na autobiografia.

http://www.unimuenster.de/Germanistik/topographien_der_autobiographie/

⁷ O projeto foi um dos maiores nas ciências humanas e funcionou durante doze anos, de 1997 a 2008.

<http://www.uni-giessen.de/erinnerungskulturen/home/index.html>

⁸ Estão vinculados ao projeto a Universidade Livre (com seu renomado “Instituto Peter Szondi” de Teoria literária e literatura comparada), a Universidade Humboldt, a Viadrina em Frankfurt / Odra, três Institutos Max Planck (Antropologia evolucionária, Neurociências e cognição e Estudos da educação) e o hospital universitário Charité. Cf. <http://www.languages-of-emotion.de/>

⁹ O anuário se chama *Jahrbuch für Computerphilologie*; a maioria dos artigos pode ser lida em <http://www.computerphilologie.de/>. Outra plataforma importante é: <http://www.netzliteratur.net/>.

¹⁰ Cf. por exemplo o acervo antigo da Biblioteca Wolfenbüttel

<http://www.hab.de/bibliothek/wdb/mssdigital.htm> e a plataforma de manuscritos medievais

<http://www.manuscripta-mediaevalia.de/hs/hs-online.htm>.

¹¹ Die Reihe reagiert auf das diffuse Bild, das die Literaturwissenschaft bietet. Weder ihren theoretischen Grundlagen noch ihren Methoden und Zielen nach bildet die Literaturwissenschaft eine wissenschaftliche Disziplin. Zu heterogen sind ihre theoretischen Grundbegriffe und leitenden Vorannahmen. »Revisionen« prüft die Theorie wie die Praxis literaturtheoretischer Begriffe und Konzepte auf ihre disziplinäre Tauglichkeit hin und revidiert dabei eingespielte Routinen des Faches. <http://www.revisionen.net/>

Referências bibliográficas

ASSMANN, A. *Der lange Schatten der Vergangenheit. Erinnerungskultur und Geschichtspolitik*. München: Beck, 2006.

_____. *Erinnerungsräume. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*. München: Beck, 1999.

_____. Grenzen des Verstehens. Generationsidentitäten in der neuen deutschen Erinnerungsliteratur. *Familiendynamik* 30, n. 4/2005, 270-389.

ASSMANN, J. *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, 2. München: Beck, 1997.

BAECKER, D. *Form und Formen der Kommunikation*. Frankfurt a. M., Suhrkamp 2005.

BARSCHE, A.; RUSCH, G.; VIEHOFF, R. (Orgs.). *Empirische Literaturwissenschaft*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1992.

BLUME, P. *Fiktion und Weltwissen. Der Beitrag nichtfiktionaler Konzepte zur Sinnkonstitution fiktionaler Erzählliteratur*. Berlin: Erich Schmidt, 2004.

BÖHME, H.; SCHERPE, K. R. (Orgs.). *Literatur und Kulturwissenschaften. Positionen, Theorien, Modelle*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1996.

BORSÓ, V.; GÖRLING, R. (Orgs.). *Kulturelle Topographien*. Stuttgart, Metzler 2004.

DÖRING, J.; THIELMANN, T. (Orgs.). *Spatial turn: Das Raumparadigma in den Kultur- und Sozialwissenschaften*. Bielefeld, transcript 2008.

DÜNNE, J. *Asketisches Schreiben. Rousseau und Flaubert als Paradigmen literarischer Selbstpraxis in der Moderne*. Tübingen: Gunter Narr, 2003.

_____. (Org.). *Raumtheorie: Grundlagentexte aus Philosophie und Kulturwissenschaften*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2008.

ECO, U. *Die Grenzen der Interpretation*. München, DTV 2004.

EIBL, K. *Animal Poeta - Bausteine der biologischen Kultur- und Literaturtheorie*. Paderborn: Mentis, 2004.

_____. *Animal poeta. Bausteine zur biologischen Kultur- und Literaturtheorie*. Paderborn: Mentis, 2004.

_____. *Die Entstehung der Poesie*. Frankfurt a. M.: Insel, 1995.

_____. "Fiktionalität - bioanthropologisch." In: WINKO, S.; JANNIDIS, F.; LAUER, G. (Orgs.). *Grenzen der Literatur. Zu Begriff und Phänomen des Literarischen*, Berlin, New York: De Gruyter, 2009, p. 267-284.

- _____. *Kultur als Zwischenwelt: Eine evolutionsbiologische Perspektive*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2009.
- _____. "Vergegenständlichung. Über die kulturstiftende Leistung der Menschensprache." In: JANNIDIS, F.; LAUER, G.; MARTÍNEZ, M.; WINKO, S. (Orgs.): *Regeln der Bedeutung. Zur Theorie der Bedeutung literarischer Texte*, Berlin, New York: De Gruyter, 2003, p. 566-590.
- ERLL, A. "Kollektives Gedächtnis und Erinnerungskulturen." In: NÜNNING, A.; NÜNNING, V. (Orgs.). *Konzepte der Kulturwissenschaften. Theoretische Grundlagen - Ansätze - Perspektiven*, Stuttgart, Weimar: Metzler, 2003, p. 156-179.
- _____. "Literatur als Medium des kollektiven Gedächtnisses." In: EERL, Astrid.; NÜNNING, A. (Orgs.). *Gedächtniskonzepte der Literaturwissenschaft. Theoretische Grundlegung und Anwendungsperspektiven*, Berlin, New York: Böhlau, 2005, p. 249-276.
- _____. GYMNICH, M.; NÜNNING, A. (Orgs.). *Literatur - Erinnerung - Identität. Theoriekonzeptionen und Fallstudien*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag, 2003.
- _____; NÜNNING, A. "Literatur und Erinnerungskultur. Eine narratologische und funktionsgeschichtliche Theorieskizze mit Fallbeispielen aus der britischen Literatur des 19. und 20. Jahrhunderts." In: OESTERLE, G. (Org.) *Erinnerung, Gedächtnis, Wissen. Studien zur kulturwissenschaftlichen Gedächtnisforschung*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2005, p. 185-210.
- _____; NÜNNING, A. (Orgs.). *Gedächtniskonzepte in der Literaturwissenschaft. Theoretische Grundlegung und Anwendungsperspektiven*. Berlin, New York: De Gruyter, 2005.
- _____; NÜNNING, A. (Orgs.). *Medien des kollektiven Gedächtnisses. Konstruktivität - Historizität - Kulturspezifität*. Berlin, New York: De Gruyter, 2004.
- ESPOSITO, E. *Soziale Vergessen. Formen und Medien des Gedächtnisses der Gesellschaft*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2002.
- FUCHS, A. From 'Vergangenheitsbewältigung' to Generational Memory Contests in Günter Grass, Monika Maron and Uwe Timm. *German Life and Letters*, n. 59, v. 2, p. 169-186, 2006.
- GALLE, H. "Entre vítima e perpetrador: a identidade problemática da segunda geração pós-Shoá na Alemanha e a proposta do romance de Bernhard Schlink." In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 29, p.153-164, jan./jun. 2007.
- _____. Memoria colectiva en Alemania: la Segunda Guerra y la literatura. *Catedra Humboldt: Publicaciones*. Universidad de Costa Rica, San José, n. 21, 2006. Disponível em: <http://catedrahumboldt.vinv.ucr.ac.cr/publicaciones.html>, acesso em 15.3.2010.
- _____. "Memória individual e memória cultural. O terrorismo alemão dos anos 1970 em textos ficcionais." In: GALLE, H.; Schmidt, R. (Orgs.). *A memória nas ciências humanas*. São Paulo: Humanitas (no prelo).
- HAVERKAMP, A.; LACHMANN, R. (Orgs.). *Memoria. Vergessen und Erinnern*. München: Fink, 1993.
- HOLL, M.-K. *Semantik und soziales Gedächtnis. Die Systemtheorie Niklas Luhmanns und die Gedächtnistheorie von Aleida und Jan Assmann*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2003.
- JANNIDIS, F.; LAUER, G.; MARTÍNEZ, M.; WINKO, S. "Der Bedeutungsbegriff in der Literaturwissenschaft. Eine historische und systematische Skizze." In: _____ (Orgs.). *Regeln der Bedeutung. Zur Theorie der Bedeutung literarischer Texte*. (Revisionen 1) Berlin, New York: De Gruyter, 2003, p. 3-30.
- JANNIDIS, F.; LAUER, G.; MARTÍNEZ, M.; WINKO, S. (Orgs.). *Die Rückkehr des Autors. Zur Erneuerung eines umstrittenen Begriffs*. Tübingen: Niemeyer, 1999.
- JANNIDIS, F.; LAUER, G.; MARTÍNEZ, M.; WINKO, S. (Orgs.). *Regeln der Bedeutung. Zur Theorie der Bedeutung literarischer Texte*. Berlin, New York: De Gruyter, 2003.
- JANNIDIS, F.; LAUER, G.; MARTÍNEZ, M.; WINKO, S. (Orgs.). *Texte zur Theorie der Autorschaft*. Stuttgart: Reclam, 2000.

- KABLITZ, A.; ÖSTERREICHER, W.; WARNING, R. (Orgs.). *Zeit und Text. Philosophische, kulturanthropologische, literarhistorische und linguistische Beiträge*. München: Wilhelm Fink, 2003.
- LETTKE, F.; LANGE, A. (Orgs.). *Generationen und Familien*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2007.
- LÖW, M. *Raumsoziologie*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2007.
- MANNHEIM, K. "Das Problem der Generationen (1928)." In: WOLFF, K.H. (Org.) *Karl Mannheim. Wissenssoziologie. Auswahl aus dem Werk*, Neuwied am Rhein: Luchterhand, 1970, p. 509-565.
- MENNINGHAUS, W. *Das Versprechen der Schönheit*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2003.
- PARNES, O.; VEDDER, U.; WILLER, S.. *Das Konzept der Generation. Eine Wissenschafts- und Kulturgeschichte*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008.
- PLUMPE, G. *Epochen moderner Literatur. Ein systemtheoretischer Entwurf*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1995.
- REINFANDT, C. *Der Sinn der fiktionalen Wirklichkeiten. Ein systemtheoretischer Entwurf zur Ausdifferenzierung des englischen Romans vom 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart*. Heidelberg: Carl Winter, 1997.
- RÜSEN, J. *Zerbrechende Zeit. Über den Sinn der Geschichte*. Köln, Weimar, Wien: Böhlau, 2001.
- SCHMIDT, S. (Org.). *Literaturwissenschaft und Systemtheorie. Positionen, Kontroversen, Perspektiven*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1993.
- SCHROER, M. *Räume, Orte, Grenzen: Auf dem Weg zu einer Soziologie des Raums*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2009.
- SILL, O. *Literatur in der funktional ausdifferenzierten Gesellschaft. Systemtheoretische Perspektiven auf ein komplexes Phänomen*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 2001.
- SPOERHASE, C. *Autorschaft und Interpretation. Methodologische Grundlagen einer philologischen Hermeneutik*. Berlin, New York: De Gruyter, 2007.
- WEIGEL, S. *Genea-Logik. Generation, Tradition und Evolution zwischen Kultur- und Naturwissenschaften*. München: Wilhelm Fink, 2006.
- _____. Kartographie, Topographie und Raumkonzepte in den Kulturwissenschaften. *KulturPoetik*, Saarbrücken, v. 2, n. 2, p.151-165, 2002.
- WESCHE, J. 2005. Glückssucher. Über biologische Grundlagen der Kultur und die Evolution des Schönen. (Rezension über: Karl Eibl: *Animal poeta. Bausteine der biologischen Kultur- und Literaturtheorie*. Paderborn: mentis 2004.). Disponível em http://www.iaslonline.de/index.php?vorgang_id=1227, acesso em 05/02/2010.
- WINKO, S.; JANNIDIS, F.; LAUER, G. (Orgs.). *Grenzen der Literatur. Zu Begriff und Phänomen des Literarischen*. (Revisionen 2) Berlin: De Gruyter, 2009.
- ZIPFEL, F. *Fiktion, Fiktivität, Fiktionalität. Analysen zur Fiktion in der Literatur und zum Fiktionsbegriff in der Literaturwissenschaft*. Berlin: Erich Schmidt, 2001.
- ZYMNER, R. 2009. Methodologie. (Rezension über: Carlos Spoerhase: *Autorschaft und Interpretation*). In: IASL-online. Disponível em http://www.iaslonline.de/index.php?vorgang_id=2959, acesso em 03/01/2010.

Resumo

O presente artigo sintetiza algumas das tendências relevantes nas letras alemãs da atualidade. Como traço comum dessas tendências identifica-se uma busca por um novo paradigma que seja compatível com as ciências humanas e naturais. Uma vertente importante entende a literatura como parte do conjunto complexo da memória coletiva. Alguns ensaios especulativos descrevem a arte e a literatura como fenômenos antropológicos no quadro da evolução biológica e cultural. A filologia computacional e a literatura da internet representam desafios técnicos e intelectuais.

Vários projetos atuais vêm revisando os conceitos centrais da literatura (o autor, a ficção, o significado) com vistas a uma nova base pragmática e metodológica para o estudo da literatura.

Palavras-chave: Germanística, teorias literárias, memória coletiva, estética evolucionária, filologia computacional, metodologia.

Abstract

The article outlines some of the relevant tendencies in German literary studies of the present. A common feature of these tendencies is the search for a new paradigm, which would be compatible both with human and natural sciences. An important trend understands literature as part of the complex whole of collective memory. Some speculative essays describe art and literature as anthropological phenomena within the frame of biological and cultural evolution. Computer philology and digital poetry represent new technical and intellectual challenges. Various projects are reviewing central literary concepts (author, fiction, meaning) in order to find a pragmatic and methodological basis for the study of literature.

Keywords: German literature studies, literary theories, collective memory, evolutionary aesthetics, digital philology, methodology.